

Capítulo 4

Hibridismo tecnológico na educação: Uma experiência com o uso de vídeos em dispositivos móveis

Roseli Gimenes

Cielo Griselda Festino

Resumo: Este trabalho propõe apresentar o hibridismo tecnológico na educação pela perspectiva de J. Moran (2015) em uma experiência desenvolvida com alunos do curso superior em Letras usando vídeos elaborados por meio do aplicativo *Noizz* em dispositivos móveis e apresentados na JOVEAD 2018.

Palavras-chave: Educação, Hibridismo, Educação.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe apresentar o hibridismo tecnológico na educação pela perspectiva de J. Moran (2015) em uma experiência desenvolvida com alunos do curso superior em Letras usando vídeos elaborados por meio do aplicativo Noizz em dispositivos móveis e apresentados na JOVEAD 2018.

O objetivo do artigo é partilhar a experiência que uniu professores e alunos do curso de Letras presencial e EAD partindo de estudos do Grupo de Pesquisa: Encontros Interculturais na EAD-Narrativas de vida dos diferentes brasis.

Durante dois anos de pesquisa, o grupo partiu de várias possibilidades de narrativas para que os discentes apresentassem propostas de histórias pessoais, como fotografias em álbuns de família, histórias do entorno social em que vivem, como imagens e descrições de praças, de ruas, de lugares, narrativas de família e históricas, como origem da família, origem do bairro, da cidade. Na maioria das vezes, os estudantes acabavam elaborando narrativas verbais e escritas.

Para que pudéssemos apontar tecnologias digitais de informação e comunicação, passamos a estudar textos que estavam nessa direção, assim como iniciamos o processo de participar de eventos, congressos em que a discussão fosse sobre as novas metodologias digitais de informação e comunicação.

Tomando como início a Jornada virtual de educação a distância -JOVEAD, em 2018, alguns professores e alunos se inscreveram para participar e então decidimos que deveríamos criar narrativas de vida que permeassem o nosso entorno, nosso e dos alunos. A participação de alunos foi além daqueles do curso de Letras EAD, ou seja, muitos alunos do curso no presencial também participaram com os docentes.

A ideia se transformou no ensino de narrativas, narrativas de vida, objetivando um ensino híbrido que partisse do EAD, mas que envolvesse a educação de ambos, presencial e EAD.

Em discussão com professores e alunos chegamos à conclusão de que deveríamos narrar não apenas como estávamos fazendo até então. Envolveríamos tecnologia para que pudéssemos criar vídeos narrativos, mas que estivessem à disposição em aplicativos para dispositivos móveis.

Os procedimentos metodológicos, então, foram se apresentando à medida que discutíamos como fazer essa narrativa audiovisual. Evidente que poderíamos fazer vídeos exatamente como fotografamos pelo celular, apenas apertando a tecla vídeo da câmera do dispositivo móvel. No entanto, a criação precisaria ir além usando um aplicativo que gravasse, permitisse narração oral e colocação de música fundo ou tema e, mais ainda, permitisse a edição de todo o processo.

Cada professor, cada aluno, poderia usar qualquer aplicativo. O primeiro a surgir, vieram outros, pela facilidade de uso foi o app *Noizz*. Esse é um aplicativo poderoso da edição de vídeo curto. Nele é possível salvar automaticamente seus vídeos no celular e assim publicá-los.

A criação da narrativa de vida foi audiovisual, relacionando-se à arte contemporânea, cuja linguagem é múltipla; a narrativa oral e visualizada e integrada à arquitetura, aos cortes do cineasta, aos ruídos de fundo, entre outras linguagens, remetendo a noções de territórios e interterritórios (Tema de nossos debates em grupo). A indicação técnica de gravação da criação de uma narrativa de vida foi o uso de aplicativos para filmar e editar no celular. Além desse uso, a indicação técnica para a exibição da criação da narrativa de vida foi o uso do site de compartilhamento de vídeo, o site *YouTube*.

Aceito o *app*, passamos a produzir as narrativas e publicá-las no *youtube* para a facilidade de acesso a outros professores e estudantes. O material estava pronto, mas para que pudéssemos trabalhar com ele de maneira teórica, mas também didática, precisávamos ampliar o trabalho.

Nesse sentido, formamos um grupo de estudantes e professores com seus vídeos e nos inscrevemos na jornada - JOVAED 2018.

O que é a jornada em questão?

A Jornada Virtual ABED de Educação a Distância é um evento online, aberto e gratuito organizado pela ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância que, nesta nossa experiência, ocorreu entre 09 a 29 de junho de 2018.

A JOVAED 2018 envolveu diversas atividades síncronas e assíncronas em múltiplas plataformas, como: ambientes virtuais de aprendizagem, redes sociais, blogs e microblogs, dispositivos móveis e webconferências, dentre outras.

Nossa opção, como apontamos, foi usar os dispositivos móveis para elaboração de vídeo com narrativa de vida que apontasse uma história local, regional, de Entorno E Isso foi feito pelo aplicativo *Noizz*. Estipulamos que nossa participação seria assíncrona e uma data foi marcada para que os acessos fossem feitos à medida que comentários eram apontados.

Participamos com o tema “Narrativas de alteridade da ocupação urbana: uso de aplicativos para criação audiovisual” e usamos como ferramenta o *Google Classroom* que nos deu oportunidade para criar páginas e elaborar comentários sobre os vídeos.

Com essa ferramenta cada um dos produtores de vídeos colocava também uma pequena explicação do material feito como reproduzimos abaixo o desta autora:

“Dentro da nossa proposta de exemplos de narrativas audiovisuais, apresentamos o material produzido pela Roseli Gimenes. Leia a descrição do conteúdo: ‘Dentro do Projeto de Pesquisa do curso de Letras da Unip Interativa “Encontros Interculturais na EAD: Narrativas de vida dos diferentes brasis”, em segundo momento, trabalhamos com Narrativas da Alteridade. Significa narrar tendo como universo o olhar sobre o Outro na perspectiva do espaço, do território. Narrar com dispositivos móveis, eis o objetivo. Uma narrativa audiovisual. A ideia do vídeo é exatamente narrar o espaço em que me encontro com o Outro que também o habita. Esse Outro é o espaço em si, mas também objetos e pessoas que circundam o olhar. Escolhi a metonímia dos pés das pessoas exatamente porque marcam passos no espaço ocupado. Cães porque são companheiros da jornada das pessoas e a vegetação porque é nossa máxima preocupação. No caso, a escolha de uma praça significativa à comunidade do bairro em que vivo mostra que a topologia que acalma é também o que almejamos em nossas vidas’. (Einavib (Jovead, 2018), 2019).

Cada passante da página, alunos e professores, assiste ao vídeo e deixam comentários como se vê na figura 1:

Figura 1. Comentários sobre o vídeo produzido pela Roseli Gimenes.



Fonte: JOVAED, 2018

A possibilidade de criação desse trabalho só foi possível porque nossas leituras prévias, nossos referenciais teóricos, além dos temas sobre narrativas e interterritórios, foram os que trabalharam a questão do Hibridismo na educação.

2. HIBRIDISMO NA EDUCAÇÃO

O material conforme apresentamos representa uma possibilidade de mesclar ensino presencial e EAD dos dois lados. Assim, o estudante do EAD, mesmo já colocado a distância, aproxima-se da construção da narrativa pelo vídeo feito pelo aplicativo, vai em busca de material para sua história. Vê lugares, entrevista pessoas, participa presencialmente do processo. E o aluno do presencial toma contato com a distância dos aplicativos que não são considerados apenas objetos frios, mudam pelo olhar criativo do narrador.

Muito mais, ambos partilham da tecnologia pela disseminação das TDICs (Tecnologias digitais da informação e comunicação). Nesse sentido, os estudantes e professores fazem uso da tecnologia com um fim educacional. Exatamente, criar narrativas de vida, não ficar apenas no discurso teórico convencional em que estudantes ouvem conceitos e não praticam; melhor, às vezes praticam, mas apenas aquelas também narrativas convencionais, escrita e no papel ou na tela do computador.

Aproveitamo-nos da definição que envolve a tecnologia da educação, em função do hibridismo, de Struchiner e Giannella (2018, p. 319):

Hibridismo tecnológico na educação (HTE) é uma expressão polissêmica que identifica e qualifica determinadas características relacionadas à sinergia de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) na sociedade contemporânea, partindo da perspectiva de que já não é mais possível diferenciar ou tratar separadamente as diversas linguagens e suas mídias, bem como as relações espaço-tempo e físico-virtual em processos educativos.

Segundo J. Moran (2015), o caráter híbrido sempre esteve presente na educação. A aproximação com os processos de conectividade, evidentemente, tornaram isso mais claro. Ou seja, a aprendizagem não é tão somente individual ou coletiva. Aprende-se na escola, mas também na comunidade. Com intenção ou não de aprendizagem. Ainda que possamos prever e ter um cronograma de aprendizagem, ela se torna aberta, informal sempre que contamos com as experiências dessa jornada.

Considerando que o Mec já aprovara 20% de estudos a distância e agora caminhamos de acordo com 40% (Portaria 1428, de 2018), é preciso pensar e repensar como será esse ensino. Híbrido, portanto, já que quase a metade de um curso presencial poderá ser exercitado a distância.

A aprendizagem híbrida contém ensinamentos do Letramento Digital já que, como vimos no caso apresentado, ler implica mais do que um ato de leitura verbal, mas ler é também uma leitura de imagens (Santaella, 2012); no caso, de um vídeo que seja uma narrativa de vida. Postado um vídeo na página da Jovaeed percebemos que (exemplos apontados) muitas pessoas (professores e alunos) colocavam questões, faziam uso crítico do que seja narrativa para exercitarem suas próprias narrativas. Para além dessa percepção, um vídeo narrativo é também dependente de um contexto de realização, o como e em que contexto foi elaborado. Ler essa imagem audiovisual em movimento precisa, requer análise. Por isso, não se trata de um vídeo qualquer feito para um momento de lazer, mas um vídeo-narrativa que implica em conhecimentos prévios do que seja uma narrativa, do que seja, neste caso, uma narrativa de vida. Esse vídeo precisa corresponder aos objetivos propostos pelo grupo de pesquisa para essa atividade.

Esse projeto, além de unir professores e alunos, já que a tarefa é conferida a ambos, contém um átimo da função conativa do 'faça você mesmo', conforme nos aponta Nolasco-Silva (2018, p 77):

Por sua natureza híbrida, as audiovisuais nos falam das possibilidades de fabricar com, de misturar conhecimentos e produzir um outro a partir de uns tantos. Por sua abertura ao compartilhamento, as audiovisuais inspiram a troca e produzem laços em redes sociais distintas. Por borrar as fronteiras entre os códigos estabelecidos, autorizando linhas de improviso, as audiovisuais indicam que hierarquias podem ser dispensadas, dando lugar a diálogos mais livres.

Essa natureza híbrida educacional e tecnológica está presente no trabalho que apontamos porque envolve o tecnológico com o uso dos dispositivos móveis e com eles o uso de uma mídia prazerosa que é o vídeo, audiovisual, conforme nos aponta Mattar (2009, p. 118):

O grau das interações também varia em função das mídias utilizadas, como texto, áudio, vídeo, teleconferência, entre outras. A combinação planejada dessas diferentes formas de interação é um desafio da EAD. Todos esses tipos de interação podem ocorrer síncrona e assincronamente, por meio de diversos gêneros de comunicação. Interações síncronas envolvem um grau de espontaneidade que não é fácil de encontrar nas interações assíncronas, as quais, entretanto, oferecem mais flexibilidade para o aluno, já que podem ocorrer em qualquer lugar e horário.

Um desafio, diríamos, também para o ensino presencial. Os cursos presenciais contam com a presença de alunos. De certa forma, toda a tecnologia à disposição de estudantes e professores enriquecem os cursos. A sala de aula e o ambiente virtual confluem, convergem. Quebra-se “a dicotomia da distância na educação”. (TORI, 2009, p. 128).

Quais resultados pudemos obter dessa experiência?

O primeiro, sem sombra de dúvidas, foi o da interação e convergência de interesses tanto de professores como de alunos; e de alunos do presencial assim como os de EAD. O segundo, importantíssimo, foi o da aprendizagem prazerosa. Prazer aqui não significa facilidade já que para muitos foi uma experiência única acessar o *app*, aprender como manuseá-lo e, enfim, fazer o vídeo, colocar narração oral, música e efeitos de edição. Além de tudo, ainda praticar o como inserir esse material no *YouTube*. Dificuldades maiores ficaram por vir quando tivemos que criar o material para participar da JOVAED. Criar a página no *Google Classroom*. Dito assim, a um leitor ubíquo, tudo parece fácil. Lembramos, no entanto, que tudo pode ser fácil e tão somente uma atividade de lazer. Não era esse o nosso objetivo. Queríamos que fosse uma aprendizagem educativa. Os resultados, apesar de todas as dificuldades, foi um trabalho prazeroso e bonito e, melhor, sabermos não só o que é uma narrativa de vida, mas como fazê-la em audiovisual e com um aplicativo em dispositivo móvel. E fora o preconceito. Fora no sentido de deixar a tecnologia entrar em nosso trabalho.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos uma experiência inovadora com o uso de aplicativo em dispositivo móvel, levando em consideração o hibridismo tecnológico na educação e partindo de um grupo de trabalho heterogêneo com alunos do presencial e do EAD, mas também com professores, muitos com imensos preconceitos em relação ao uso da tecnologia com fins educacionais. Vencemos preconceitos. Fizemos um trabalho bem feito e bonito que pode ser apreciado nos links que deixamos à disposição.

A base teórica no que se trata de narrativas, como estudiosos de Letras, nós a tínhamos. Narrativas de vida e interterritório, tema atualíssimo, refez pensamentos fechados sobre o espaço urbano. Sobretudo aprendemos muito com os autores aqui apontados que veem no hibridismo (também uma questão cultural) e na *blended learning* uma resposta criativa para a aprendizagem. Enfim, o uso das TDICs para o ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- [1] Einavib (JOVAED 2018): Roseli Gimenes - Narrativas de Alteridade da ocupação urbana! [s.i.], 2018. 1 vídeo (2:45min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l7QYeiv_2JA. acesso em: 07 mai. 2019.
- [2] Gimenes, Roseli. A sala de aula invertida na disciplina Literatura, Anais. Florianópolis: 24 CIAED ABED, 2017.
- [3] JOVAED, 2018. [S.l.; s.n.]. Disponível em: <https://classroom.google.com/u/0/c/MTU3NzExODc3NjRa/t/MTU4MDQzNTI3Mjha>. Acesso em: 07 mai. 2019.
- [4] Mattar, João. Interatividade e aprendizagem. In: Litto, Frederic M.; Formiga, Marcos (orgs). Educação a distância. O estado da arte. São Paulo: Pearson, 2009.
- [5] Moran, J. Educação híbrida: Um conceito – chave para a educação hoje. In Bacich, I; Tanzi neto, a.; Trevisan, F. de M. (orgs). Ensino híbrido: Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.
- [6] Nolasco-Silva, Leonardo; LO Bianco, Vittorio; FARIA, Lia. Educação a distância, cultura da convergência e audiovisuais: apontamentos para a formação de professores. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a distância, (S.1), v.17, n1, 2018.
- [7] Santaella, Lucia. Leitura de imagens. Como eu ensino. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

[8] struchiner, Miriam; giannella, Taís Rabetti. Hibridismo tecnológico na educação. In: MILL, Daniel (org). Dicionário crítico de educação e tecnologias de educação a distância. São Paulo: Papyrus, 2018. tori, Romero. Cursos híbridos ou *blended learning*. In: litto, Frederic M.;